

Resenha

Campos de concentração, “desaparecimento” e repressão na Argentina

Lúcia Ap. Valadares Sartório*

Palavras-chave:

Argentina; ditadura militar; campos de concentração.

Key words:

Argentina; military dictatorship; concentration camps.

CALVEIRO, Pilar. *Poder e desaparecimento: os campos de concentração na Argentina*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. 168 p. Coleção Estado de Sítio.

Nascida em Buenos Aires em 1953 e engajada nas lutas sociais no período de sua juventude, Pilar Calveiro foi sequestrada e confinada num centro presidiário clandestino da Aeronáutica em 1977, mais conhecido como “Mansão Seré”, inferno que prosseguiu por um ano e meio em outros campos de concentração, como a delegacia de Castelar, convertida em centro de torturas do Serviço de Informação Naval. Com a obtenção do exílio na Espanha, tornou-se doutora em ciência política e especialista em questões relacionadas ao biopoder e à violência de estado e atualmente reside no México, onde atua como professora e pesquisadora na Benemérita Universidade Autónoma de Puebla.

A pensadora política Pilar Calveiro produziu o excepcional livro *Poder e desaparecimento: os campos de concentração na Argentina* num momento significativo para os importantes movimentos que, no Brasil, culminaram na criação da Comissão Nacional da Verdade, momento em que se abrem possibilidades para se obterem novos esclarecimentos acerca da repressão contra indivíduos defensores de direitos sociais, da democracia e da soberania nacional no período da ditadura militar.

A obra conta com tradução de Fernando Correa Prado, apresentação de Janaína de Almeida Teles (intitulada “Ditadura e repressão no Brasil e na Argentina: paralelos e distinções”) e prefácio do jornalista e poeta Juan Gelman, que ele denomina de “Prelúdio”. Dividida em duas partes – “Considerações preliminares” e “Os campos de concentração” –, traz à luz as circunstâncias e o modo como os ditadores atuaram na Argentina, expondo com detalhes a estrutura da máquina assassina e os recursos utilizados para capturar cada cidadão considerado inimigo, bem como realçando particularidades e aspectos comuns com as demais ditaduras instauradas nos países latino-americanos.

Calveiro, em parte, fundamenta seus escritos nas análises de Hannah Arendt sobre o conceito de totalitarismo – cuja concepção primordial consiste na liberal-democracia como tipo ideal, e não propriamente numa produção ideológica assentada em bases históricas, no reconhecimento das classes sociais. Também se vale das análises de cunho subjetivista de Michel Foucault, cujo ponto de partida consiste em conceber o poder como fenômeno natural, intrínseco à natureza humana, e não como resultado das condições históricas. Entretanto, sua obra ultrapassa esses conceitos e se ancora no chão social. Assim, corrobora as análises que apreendem o processo social estudado como imputado pelo grande capital, com vistas a exercer o controle social.

Para Janaína Teles, a obra de Calveiro tem o grande mérito de elucidar os campos de extermínio e distingui-los da estrutura do aparelho repressivo no Brasil, onde se desenvolveu um sofisticado esquema de repressão, a partir da qual destaca que, enquanto

* Doutora em educação, professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A ditadura argentina representou um “poder desaparecedor”, dir-se-ia que a repressão brasileira constituiu-se como um “poder torturador”. Na Argentina, a figura do desaparecido e sua contrapartida institucional, os campos de extermínio, representaram uma mudança fundamental – deixaram de ser uma das formas da repressão para se converter na modalidade repressiva do poder. Houve uma reorganização de elementos já existentes e a incorporação de outros: os campos foram o ambiente em que a operação cirúrgica, considerada necessária para salvar a sociedade da “subversão”, foi conduzida, visando à ordenação e ao controle de toda a sociedade (TELES, 2013, p. 8).

Calveiro ressalta que, sob o falso pretexto de se combater a subversão, os ditadores mantiveram a aparência de uma normalidade institucional e extirparam aleatoriamente não apenas militantes políticos, mas também indivíduos que casualmente fossem suspeitos por algum motivo qualquer. Os depoimentos de Calveiro denunciam acontecimentos até recentemente desconhecidos e complementam as diversas análises já realizadas sobre o período da guerra fria, bem como a atuação geopolítica estadunidense e o estímulo ao desencadeamento de golpes por todos os países latino-americanos.

István Mészáros, por exemplo, tratou daquele período em sua obra *A necessidade do controle social*, na qual aponta o exercício do controle social em diversas partes do planeta, seja na contravenção da guerra do Vietnã, seja na interferência política no Oriente Médio ou no incentivo e contribuição à implantação de ditaduras pela América Latina. O controle social manifesta-se no solapamento do poder da política de consenso e da institucionalização do protesto social, como medida preventiva para garantir a perpetuação da sociedade de mercado e a extensão do domínio do capital sobre todas as esferas da vida (MÉSZÁROS, 2009). No Brasil, em particular, os ditadores almejavam o estancamento das lutas sociais e a imposição de um modelo econômico excludente para garantir rápida extração de mais-valia recorrendo à repressão e à tortura, problema que é ressaltado por Rago Filho:

“a tortura é o crime mais cruel e bárbaro contra a pessoa humana”. (...) A realidade de hoje mostra, porém, que, com os sofisticadíssimos instrumentos de tortura não somente física, mas mental também, é possível dobrar o espírito das pessoas e fazê-las admitir tudo quanto for sugerido pelo torturador. (...) A intenção é reduzir as pessoas a máquinas funcionais. “Na busca de desenvolvimento econômico rápido, o regime militar assumiu poderes excepcionais e suprimiu os direitos constitucionais dos cidadãos”. (RAGO FILHO, 1998, p. 13)

A obra de Calveiro reconstitui esse período nefasto e explicita todas as faces da opressão e, especialmente, o seu significado no decorrer da ditadura na Argentina, ressaltando aspectos peculiares sobre as características das Forças Armadas, bem como o perfil das organizações guerrilheiras.

Na primeira parte, denominada “Considerações preliminares”, a autora destaca dois segmentos sociais centrais no processo de repressão: “Os salvadores da pátria” e “A vanguarda iluminada”. Neste item inicial Calveiro aponta uma diferença elementar de intervenção do Exército em dois marcantes períodos históricos na Argentina: “Se em 1930 o Exército interveio apenas para assegurar os negócios da oligarquia na conjuntura da grande crise de 1929, em 1976 lançou-se, ao contrário, na construção de uma proposta própria, concebida dentro da instituição e a partir de seus interesses específicos” (CALVEIRO, 2012, p. 23), justamente num momento em que setores poderosos da classe dominante perderam o controle do sistema político. Desse modo, concentraram-se em torno das Forças Armadas a burguesia agroexportadora, a burguesia industrial e o capital monopolista, e, a partir daí, tornaram-se plenamente detentoras de representatividade da classe dominante e passaram a exercer o poder repressivo das armas.

Calveiro evidencia que, naquele período, ocorreu um emaranhado de acontecimentos e “A atomização política e econômica da sociedade era compensada, até certo ponto, pela unidade disciplinadora do aparelho armado e sua imposição sobre a sociedade” (2013, p. 24). A questão é que, na Argentina, os militares protegeram e deram sustentação à classe dominante no decorrer de 45 anos e deixaram de atender a interesses vitais de boa parcela da sociedade, contando com o apoio de conservadores e radicais intransigentes, mas também de radicais do povo, de comunistas e peronistas, em diferentes circunstâncias, por diferentes razões. Entretanto, a partir de 1976 ocorreu um entrelaçamento e concordância entre as três esferas das Forças Armadas, decididas a pôr fim à crise instaurada na Argentina e que acabaram por escolher o pior caminho para realizar o “corte cirúrgico da salvação”: a criação dos campos de extermínio de todos os indivíduos que se manifestassem como ameaça à ordem vigente.

Em “A vanguarda iluminada”, Calveiro argumenta que a concepção que nutria a prática revolucionária da esquerda em regiões como América Latina, Palestina e Ásia, até mesmo em países como Alemanha, Itália e Estados Unidos, estava concentrada basicamente na ação armada como meio essencial para criar as condições necessárias ao desencadeamento da revolução. O movimento armado, para a autora:

Não se tratou de um fenômeno marginal: o foquismo e, em termos mais gerais, o uso da violência passaram a ser quase uma condição *sine qua non* dos movimentos radicais da época. Dentro do espectro dos círculos revolucionários, e de forma praticamente exclusiva, somente as esquerdas stalinistas e ortodoxas se afastaram da influência da luta armada. (2013, p. 28)

Na Argentina, a concepção foquista adquiriu força entre a jovem geração de peronistas e guevaristas, principalmente pelos sucessivos golpes militares que ocorreram a partir de 1955, “com o fuzilamento de civis e bombardeio de uma concentração peronista na Praça de Maio”. Outro fator determinante foi a supressão do peronismo e “o cancelamento da democracia levado a cabo pela Revolução Argentina de 1966, cuja política repressiva desencadeou levantamentos insurrecionais nas principais cidades do país” (CALVEIRO, 2013, p. 29).

A partir desse episódio destacaram-se nas frentes de luta os *Montoneros* e as *Organizações Armadas Peronistas*, que articulavam o foquismo e o populismo. Mas, no decorrer do processo, ocorreu o distanciamento desses dois segmentos, que resultou no isolamento dos Montoneros e no seu afastamento da luta de massas, enveredando, assim, no aprofundamento da militarização e enrijecimento das relações internas da organização. A importância desta análise de Calveiro para a compreensão daquele processo (e dele retirar ensinamentos para o presente) é a sua posição contundente em assinalar a reprodução do poder autoritário que começara a se manifestar entre os combatentes quando, em verdade, pretendia-se derrubá-lo, e também o destaque sobre o modo como os guerrilheiros foram arrastados a um processo de destruição:

As armas são potencialmente “enlouquecedoras”: possibilitam matar e, portanto, criam a ilusão de controle sobre a vida e a morte. Obviamente, não têm em si mesmas, nenhum signo político, mas colocadas em mãos de gente muito jovem e que, além disso, em sua maioria carecia de experiência política consistente, funcionaram como uma muralha de arrogância e soberba, que encobria, somente em parte, certa ingenuidade política. Diante de um Exército tão poderoso como o argentino, em 1974 os guerrilheiros já não se propunham a ser franco-atiradores, buscando debilitar, fracionar e abrir brechas na instituição militar; queriam construir outro exército de igual ou maior potência, também homogêneo e estruturado. Poder contra poder. (2013, p. 31)

Em verdade, os envolvidos no movimento armado não tinham a mínima clareza sobre o contexto em que se encontravam e o caminho que se seguiu foi a instalação do terror e de todos os mecanismos para garantir sua execução. Em 1974, em meio à comoção proveniente da morte de Perón e às disputas políticas por sua sucessão entre os grupos de esquerda, o ministro do Bem-Estar Social, José López Rega, criou a Aliança Anticomunista Argentina – a Triple A (AAA) – e conduziu uma série de assassinatos num curto espaço de tempo. Foi a partir deste momento que teve início a prática de desaparecimento de pessoas e a difusão do terror (CALVEIRO, 2013).

Na segunda parte, intitulada “Os campos de concentração”, Calveiro traz os pormenores de todas as situações que abateram os combatentes, o modo como os indivíduos envolvidos no processo de repressão se posicionaram e as características da estrutura montada para promover o desaparecimento de pessoas.

Assim, a autora inicia expondo uma densa reflexão acerca dos fenômenos constitutivos do poder que se manifesta em qualquer sociedade, mas excepcionalmente o poder que se instalou no decorrer do século XX na Argentina, cujo meio mais eficaz de exercício foi a repressão. Assustadoramente, naquele país esta se converteu no desaparecimento de pessoas, tanto como técnica do poder como forma de ocultar o delito, chegando a haver 340 campos de concentração entre 1976 e 1982, que interceptaram pelo menos 20 mil pessoas. As Mães da Praça de Maio recusam os dados oficiais e apontam 30 mil desaparecidos. Sensivelmente, Calveiro reconhece nessas estimativas guiadas por estatísticas a desumanização escondida nos números: “Como afirma Todorov: ‘um morto é uma tristeza, um milhão de mortos é uma informação’” (2013, p. 42). O fato é que a máquina de torturar promoveu o extermínio de pessoas com requintes de crueldade, no estímulo a tal prática num franco processo de corrupção de militares, que se transformaram muitas vezes em torturadores e ladrões.

Ao apontar a existência de campos de concentração na Argentina – como ocorreu na Alemanha, com o nazismo, e na Rússia, com o stalinismo –, Calveiro realça o perfil dos poderes totalizantes que se manifestaram no século XX, cujas características mais elementares se assemelham, dados os procedimentos que visam a camuflar culpados e ocultar a legalidade dos fatos (CALVEIRO, 2013). A metodologia aplicada para se promover o desaparecimento de pessoas tornou-se consenso entre as Forças Armadas como inevitável para “salvar a sociedade” (capitalista).

Concomitantemente, os torturadores buscaram dissimular a dinâmica das dependências da organização criminosa permitindo que os vizinhos dos arredores percebessem os acontecimentos, como medida necessária para espalhar o terror e o medo. Geralmente, o campo de concentração possuía um escritório, onde se realizavam os serviços de “inteligência”, um quarto para tortura e uma galeria para amontoar os presos, que eram nada mais nada menos que “os militantes das organizações” e também “ativistas políticos das esquerdas em geral, sindicalistas e membros dos grupos de direitos humanos” ou, simplesmente, “uma testemunha incômoda” (CALVEIRO, 2013, p. 53). Mais do que destruir as organizações políticas consideradas subversivas, era necessário espalhar o terror ao maior número de pessoas possível para que a ação do extermínio viesse a aniquilar qualquer resistência no conjunto das estruturas sociais.

A partir dos depoimentos de Calveiro, que apresenta certo distanciamento daqueles acontecimentos concomitantemente à exposição densa sobre as práticas destituídas de humanidade, pode-se visualizar o esforço da classe dominante reacionária em deter os rumos da história, quando ela mesma se encontra num processo

de putrefação. Não há mais vida nem projeto humano-social, apenas a reprodução da mercadoria, o desespero pela acumulação de capital, a necessidade de se fazer valer o controle social a todo custo. Por isso, a reprodução e difusão de procedimentos nazistas, o aprimoramento dos requintes de tortura e, especialmente na Argentina, a busca dos exterminadores por novos métodos para aniquilar na alma as suas presas:

Em que consistia a tortura? O método de tormento “universal” dos campos de concentração argentinos, pelo qual passaram praticamente todos os sequestrados, foi a picanha elétrica. É natural: trata-se de um instrumento nacional, “vernáculo”, inventado por um argentino. Consiste em provocar descargas elétricas: quanto maior a voltagem, maior o estrago. Sua aplicação é particularmente dolorosa nas mucosas, que por isso, se tornaram os lugares favoritos dos “técnicos”. Pode provocar paradas cardíacas, e é comum que isso ocorra. Assim, mataram muitos prisioneiros, alguns casos porque perderam a “mão”, em outros intencionalmente. (CALVEIRO, 2013, p. 69)

Outro aspecto importante apontado por Calveiro se refere ao modo como os exterminadores promoveram a perversão da realidade:

Através do tormento arrancava-se do homem alguma informação e sua própria humanidade, até deixá-lo vazio. A sala de torturas – a “sala de cirurgia”, no jargão concentracionário – era o lugar em que se operava sobre a pessoa para produzir esse esvaziamento. (2013, p.76)

Sem dúvida, a leitura da obra de Calveiro é necessária pela profundidade com que reconstitui os fatos, mas excepcionalmente por esclarecer que na Argentina foram implantados 320 campos de extermínio, trazendo à luz uma compreensão maior sobre a atuação do estado argentino no interior da guerra fria, acompanhada da disseminação do terror e de sua versão natural, o medo. Em verdade, os exterminadores tinham como meta produzir um processo de transformação:

Era preciso transformar as pessoas antes de matá-las, era uma modificação que consistia basicamente em desumanizá-las e esvaziá-las, processá-las através da tortura para que aceitassem os mecanismos do campo e colaborassem. Uma parte central dessa transformação consistia em apagar do indivíduo toda e qualquer capacidade de resistência (CALVEIRO, 2013, p. 92)

Para levar às últimas consequências a prática perniciosa e justificar a destruição dos torturados, os exterminadores trataram de difundir uma imagem irreal destes. Era necessário construir o arquétipo do preso e apontar seu vínculo com a subversão, com interesses espúrios externos aos da Argentina. Afirmavam, ainda, que boa parte era comunista, e os mais perigosos, judeus; e as mulheres, deformadas, “péssimas mães e esposas, particularmente cruéis”. Mas entre os militantes e guerrilheiros também foram construídos arquétipos, incorporados conceitos extrínsecos: que eram cruéis e estúpidos. Os militantes, compostos em sua maioria por jovens de classe média e também de alguns extratos das classes populares, tinham em torno de 20 a 35 anos, eram muito mais indefesos do que uma ameaça naquele contexto. Assim, Calveiro expõe com lucidez o sentido mais profundo dos gestos deletérios promovidos nos campos de concentração:

Quando um ser humano é levado a uma precariedade tal em que, sob a influência do terror, só é capaz de sentir frio, fome, sede, vontade de ir ao banheiro, dor, isto é, desejos de satisfazer as necessidades mais básicas, retraindo-se ao seu núcleo primário, então a inteligência, os valores culturais, a sensibilidade e a complexidade psíquica não desaparecem, mas entram num estado de latência, tal como os próprios sentidos. A intenção é clara: destruir o sujeito e retrai-lo a uma existência quase exclusivamente animal, como se realmente fosse possível “animalizar” o homem. Colocar as pessoas em situações, posturas e atitudes associadas à conduta animal tende a reforçar uma improvável superioridade do poder, ressaltando seu desamparo, degenerando-as. (CALVEIRO, 2013, p. 99)

O que obtiveram os exterminadores e os idealizadores da ditadura senão o amortecimento das transformações sociais e o aprofundamento da lógica societária do capital, promovendo sistematicamente o esvaziamento da vida, a reificação das relações sociais, a expropriação intensiva da riqueza social, a redução dos indivíduos a meros reprodutores da orgânica capitalista, subordinados ao enrijecimento das hierarquias sociais?

Passados os anos de torturas intensivas, o estado de terror se mantém sob diferentes aspectos, assim como o aprofundamento do domínio do capital, condição que lança para nossos horizontes a necessidade de se recuperar o conteúdo da vida, a construção do humano, a recuperação de ideais humanistas, o desejo de superação das diversas formas de estranhamento e alienação, a coragem de recomeçar a luta por caminhos mais efetivos rumo à construção da liberdade, do pleno desenvolvimento e realização dos indivíduos.

A obra de Calveiro é bem-vinda justamente por retomar em nós as reflexões mais densas, retiradas da crítica consistente, da denúncia sobre um período nefasto produzido pelas burguesias reacionárias no século XX. Ela põe como perspectiva a humanização, os princípios mais sublimes que balizam o humano que ainda existe em nós.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ, Ricardo. Saudade dos governos militares, quem pode ter? *Boletim Controvérsia*. Disponível em: <<http://www.controversia.com.br/index.php?act=textos&id=18077>>, acessado em 1 abr. 2014.
- BOITEMPO EDITORIAL. *Poder e desaparecimento*. Disponível em: <http://boitempoeditorial.com.br/livro_completo.php?isbn=978-85-7559-338-7>, acessado em 3 abr. 2014.
- GELMAN, Juan. Poder e desaparecimento. *Blog da Boitempo*. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/tag/pilar-calveiro>>, acessado em 4 abr. 2014.
- MÉSZÁROS, István. *A necessidade do controle social*. São Paulo: Ensaio, 1987.
- _____. *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- QUINALHA, Renan; MERLINO, Tatiana. Pilar Calveiro: “A máquina do “poder desaparecedor”. *Viomundo* – o que você não vê na mídia. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/denuncias/pilar-calveiro.html>>, acessado em 1 abr. 2014.
- RAGO FILHO. *A ideologia 64: os gestores do capital atrofico*. 1998. Tese (Doutorado) apresentada à Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- TELES, Janaína. “Apresentação – ditadura e repressão no Brasil e na Argentina: paralelos e distinções”. *In: CALVEIRO, Pilar. Poder e desaparecimento: os campos de concentração na Argentina*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.